

BERTHA BECKER, UMA CONVIVÊNCIA INSTIGANTE E AFETUOSA

Tatiana Deane de Abreu Sá

O convite da SBPC para participar desta merecidíssima cerimônia intensificou em mim uma sensação retrospectiva, que já vinha experimentando, das quase duas décadas de convivência intelectual e afetiva com Bertha mas, também, desencadeou em mim uma sensação mais intensa de valorização e valorização de sua contribuição, a inevitável percepção do que representará a sua ausência física em agendas atuais e futuras, e a responsabilidade que ela deixou aos que compartilham o desafio voltado a uma Amazônia sustentável.

Antes de conhecer a Bertha, conheci o seu trabalho. Como pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental atuei, a partir da década de 70, em equipes voltadas a zoneamentos de vários estados da Amazônia e já então era inevitável conhecer a contribuição de Bertha ao tema. Também, como admiradora da carreira de geógrafo, profissão que, aos 11 anos pensei em escolher, acompanhava à distância a evolução de grupos brasileiros que, como inovadores, davam novo tom e tona à nossa Geografia e, mais uma vez, percebia aí a figura diferenciada da geógrafa Bertha Becker.

A convivência mais próxima começou entre o final dos anos 90 e o início do novo milênio. Eu coordenava um projeto de pesquisa dirigida do subprograma de Ciência e Tecnologia do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil- PPG-7 e onde Bertha foi por 11 anos membro do grupo internacional de acompanhamento do programa. Naquela ocasião, além de poder começar a conhecê-la pessoalmente em eventos promovidos pelo programa, tive a oportunidade de ir percebendo melhor o protagonismo no grupo de acompanhamento questionando, com seu estilo peculiar, a perspectiva dominante, centrada na mera preservação da região, sempre ocupação mais explícita com a sua população local, que sempre mereceu dela muita atenção.

O momento seguinte e definitivo de ter o privilégio de poder acompanhar o *modus operandi* de Bertha em colegiados científicos e no convívio interpessoal deles derivado, deu-se ao longo de vários e instigantes anos, como membros que éramos do comitê científico do projeto LBA, Experimento da Biosfera Atmosfera da Amazônia onde Bertha foi sempre incansável, em sua missão de tentar efetivar a dimensão social no âmbito de tão relevante iniciativa de pesquisa. Foram inúmeras reuniões em vários pontos da Amazônia, do Brasil e do exterior. Muitos momentos de descontração e de amizade, compartilhados por muitos outros e, particularmente, pela pesquisadora Ima Vieira, do MPEG, idealizadora da Associação dos Amigos da Bertha Becker (AABBER) e que, com muito respeito e carinho, acompanhou nossa amiga até sua fase final.

A cada novo desafio imposto pela dinâmica de uso da terra na Amazônia, éramos brindados com o resultado de novas reflexões que Bertha nos expunha com o costumeiro entusiasmo e humor que lhe eram característicos. Aliás, as reflexões tinham um significado muito forte para Bertha, que sempre buscava compartilhá-las com os que como eu e tantos que aqui se encontram, tiveram a sorte de serem recrutados para esse tipo de compartilhamento.

Um exemplo eloquente da importância que dava às reflexões está expresso em entrevista concedida à agência FAPEAM, logo antes de proferir uma palestra sobre “A quem interessa a floresta em pé”, na reunião da SBPC que ocorria em Manaus: “A questão que vou colocar é

muito instigante..... É instigante porque é uma questão contemporânea que está entrelaçada. Como adoro fazer provocações, digo, em primeiro lugar, que a ciência hoje não consegue mais acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo. Assim, digo que é cada vez mais importante o papel da universidade no acompanhamento dessas mudanças. Devemos fazer reflexões e não fazer corrida para publicações, que muitas vezes é o que está sendo induzido nas universidades. A reflexão é a base do ensino e, em nossa conversa sobre “A quem interessa a floresta em pé”, vamos tentar fazer tais reflexões”.

Continuando a caminhar na linha de tempo com Bertha, vem a percepção dos momentos sociais de descontração nos eventos, em que ia conhecendo e admirando cada vez mais a pessoa, a mulher Bertha, o seu incansável espírito livre, descontraído, irreverente. Seu gosto pela dança era contagiante, como bem expressa em uma entrevista que concedeu à revista GEOSUL, em que dizia “*eu nasci no samba, no samba me criei e do danado do samba nunca me separei...*”.

A fase mais recente de nosso convívio, em torno dos últimos dez anos, foi rica de cumplicidade na troca de opiniões em diversas dimensões e permeada, de minha parte, pela percepção cada vez mais cristalina de seu incomensurável potencial de contribuição a políticas públicas, como a Profa. Raimunda Monteiro da UFOPA expressa ao afirmar ser ela *a cientista que mais influenciou políticas públicas na Amazônia*. Em muitos casos fui convidada a participar de reuniões inusitadas em que se discutia opções sobre um futuro sustentável para a Amazônia, em algumas das quais me sentia uma ilha rodeada de geógrafos por todos os lados! Por outro lado, Bertha nunca se negou em dar a sua contribuição valiosa em instâncias de reflexão sobre o papel da pesquisa agropecuária, em particular na Amazônia, atendendo às solicitações de participação em reuniões de trabalho, em grupos voltados ao planejamento estratégico ou mesmo opinando sobre documentos em elaboração.

Um momento rico em percepções, reações e dinâmicas foi o período em que Bertha foi incumbida a coordenar um estudo, inicialmente denominado de “Projeto Amazônia”, demandado pelo então ministro Roberto Mangabeira Unger. A urgência da demanda, associada à sua magnitude exigiu dela e dos que a acompanharam nessa aventura, um estado de prontidão intenso. As seguidas reuniões, a legendária caravana de especialistas capitaneada pelo ministro Mangabeira Unger, percorrendo em avião da FAB, vários pontos da Amazônia, e contando com inúmeras autoridades, foram palcos de momentos impagáveis em que Bertha nos brindou com o brilhantismo de suas reflexões, em tempo real, acompanhando a dinâmica da missão, e pela sua inusitada resistência física e bom humor.

Essa missão reforçou a percepção de Bertha, que já vinha sendo aguçada por ela há anos de que *a floresta só deixará de ser destruída se tiver valor econômico para competir com a madeira, a pecuária e a soja*.

Várias de suas idéias inspiraram programas ou projetos de pesquisa, como foi o caso do projeto Floresta em Pé, que abordou a relação empresa- comunidade no contexto do manejo florestal comunitário e familiar.

Suas preocupações mais recentes se voltavam fortemente a questões associadas a serviços ambientais ao papel das cidades, em particular na Amazônia. A energia propositiva e questionadora que emanava de Bertha em sua intensa participação na Rio+20 e o lançamento de seu mais recente livro, “*A urbe Amazônia*”, em sua residência, poucos dias antes de seu falecimento, são exemplos de postura e de militância científica a serem analisados, admirados e seguidos.

Um traço marcante da trajetória de Bertha foi a amplitude de seu percurso, inicialmente no âmbito da comunidade geográfica, se expandindo para uma amplitude maior em termos acadêmicos e, por força de sua trajetória, que a levou ainda cedo a perceber a relevância da geopolítica, foi avançando fronteiras, tema que está presente, em várias perspectivas, em diversas fases de sua carreira e que ela também comenta, na entrevista à GEOSUL “... eu sinto que herdei esta coisa de fronteira, de descobrir o mundo dos meus pais. A travessia. Por isso que estudo fronteira até hoje”. Governos sucessivos contaram com seu conhecimento e sensibilidade para formular estratégias geopolíticas para o país.

Do início da carreira até aos anos mais recentes, sempre fez pesquisa de campo, perceptiva de ser esta fundamental em um país com a diversidade e a dinâmica do Brasil, onde prática e teoria tem que estar sempre conectados.

A nós que atuamos na Amazônia tivemos o privilégio de conhecer e conviver com a Bertha, além do legado de sua ampla e expressiva contribuição intelectual e de militância científica, um difícil mas mandatário compromisso de levar avante a tocha olímpica que ela vinha conduzindo com muita competência, firmeza e charme em temas emblemáticos, sintetizados em termos ou lemas tais como *produzir para preservar, manter a floresta em pé, revolução científica e tecnológica para a Amazônia*, (conhecida como *revolução beckeriana*), *floresta urbanizada, blindagem do coração da floresta*, e tantos outros e, estou certa de que devemos considerar que essa é uma missão relevante para garantir a efetividades das conquistas que o trabalho de Bertha alcançou, disseminar o seu trabalho e a sua energia para mais pessoas comprometidos com as suas grandes causas, em particular a amazônica e tentar garantir que suas ideias possam contribuir, postumamente, para a construção e implementação de políticas. **Seu nome merece batizar instrumentos de fomento à formação de novas gerações de cientistas com o seu perfil .**

Já sinto falta da pergunta que sempre nos fazia ao expor seus pensamentos. *O que você acha?*